

Cresce um deserto no meio do Rio

■ Ameaçados pela seca e perdendo o que resta de verde, municípios do Noroeste do estado tornam-se cidades-fantasma

Fotos de Jonas Cunha

LUCIANA CABRAL

ITAPERUNA, RJ – A terra avermelhada se esfaleando entre os dedos e a água escura dos açudes refletem a seca no Noroeste Fluminense. Calor e poeira predominam na região mais devastada do estado e que, de acordo com o Índice de Qualidade dos Municípios (IQM)-Verde, sofre grave processo de desertificação. Há três meses não chove, o Rio Paraíba do Sul pode ser atravessado a pé, o pasto está queimado. O lamento do boiadeiro José Teixeira reflete o drama que vive a região: “É o desmatamento que causa isso. Não há verde aqui e só tem feito piorar, tudo vai secando.”

A impressão do boiadeiro, criador de gado leiteiro em Itaperuna, é expressa em números pelo IQM-Verde divulgado pelo Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro (Cide) semana passada. Os índices de florestas nos 13 municípios da região variam entre 0 e 1%. O gado se espreme embaixo das escassas árvores. Há dois anos, uma estiagem de 10 meses deixou 40% da agricultura e da pastagem arrasadas. O clima de sertão nordestino se espalha pelo ar. Cactus predominam na paisagem repleta de libélulas zunindo e a poeira agarra no corpo. Vento quente, sem sombra.

Cidades-fantasma – O IQM-Verde alerta para a rápida transformação desta parte do estado que sofreu lenta degradação. “Algo precisa ser feito com urgência, alguns municípios estão virando cidades-fantasma, muito empobrecidas. Ali predominou uma economia que exauriu o solo”, avisa Epitácio Brunet, diretor-executivo do Cide. O Noroeste Fluminense foi outrora vasto produtor de café – hoje só encontrado em pequenas extensões, muitas mirradas ao pé dos morros.

Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Santo Antônio de Pádua, São José de Ubá, Varre-Sai. Os moradores destas cidades se debatem diante da erosão do solo e abandonam as poucas plantações existentes. Cerca de 80% do território dos municípios hoje, segundo o IQM-Verde, é área de pastagem. Bois vagueiam pelo capim queimado, enquanto urubus espiam o movimento em cima das cercas. Algumas casas cultivam hortas, desde que tenham poço.

Deserto – “Meu pai plantava arroz e eu colhi muito com ele. Mas na roça não se planta mais nada, fazendeiro só quer gado. É muita queimada e tá tudo secando, acabando mesmo”, lastima o carroceiro Antônio José Gomes, 43 anos. Antônio nasceu e foi criado em São Benedito, bairro do município de São Fidélis, no Norte Fluminense, fronteira com o castigado Noroeste e que também exhibe sinais do deserto. Um mar de morros de capim descorado, raras árvores, cactus ao lado de pedras onde descansam calangos embrutecidos.

O futuro depende de iniciativas ambientais urgentes. Para o pólo de História Ambiental da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos, é preciso reflorestar. A proposta é unânime também entre os núcleos de estudos agrários e ambientais da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Reflorestamento – Para pôr as propostas em prática, foi criado pelo Cide o programa de computador “Corredores Prioritários para a Interligação de Fragmentos Florestais”. O programa traça linhas entre o que restou de vegetação e sugere o replantio das zonas intermediárias. “Isolados, os fragmentos de vegetação tendem a desaparecer. Com a conexão, aumenta a chance das florestas reagirem”, explicou Waldir Rugero, coordenador do IQM.

No Noroeste, segundo o Cide, será necessário reflorestar ao todo 765,4 quilômetros quadrados ao custo estimado de R\$ 70 milhões. No entanto é São Fidélis, no Norte, que está no pódio. Neste município, o replantio necessário é de 201,8 quilômetros quadrados ao custo de R\$ 16 milhões. Santo Antônio de Pádua vem em terceiro lugar e sairia por R\$ 14 milhões o reflorestamento de 177,4 quilômetros quadrados. Itaperuna, em seguida, exigiria R\$ 13 milhões de investimento para recompor 160 quilômetros quadrados.

De acordo com estudos de história ambiental da UFF em Campos, os morros da região são muito baixos e as nuvens que se formam sob o mar passam direto pela área e vão para a Serra da Mantiqueira. Os arbustos parados nos campos vazios exibem essa solidão. Casos como São José de Ubá, Italva e Cardoso Moreira, segundo o levantamento, vivem um quadro semelhante ao da caatinga do Nordeste brasileiro.



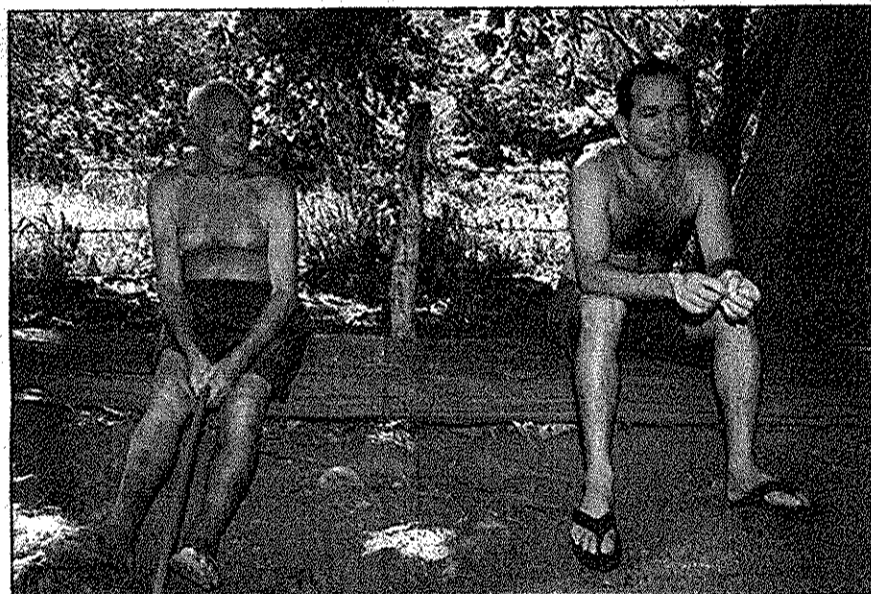
Predominantes na paisagem, as pastagens são as primeiras a sofrer com a estiagem, causando a morte do gado e cedendo ao crescimento do deserto

“Isso é assim mesmo, seco, sem vida”

São 84 anos passados no *sítiozinho* de seu pai, no caminho para Itacolomi, em São Fidélis, Norte Fluminense. Atualmente, José Sebastião Fratani passa as tardes sentado na estrada, pedaço de pau na mão riscando a terra, família em volta. Acostumou com as poucas sombras, mas sente falta da água. “Até pouco tempo passava um córrego aqui. Meu pai tinha um moinho que funcionava a noite toda. Tinha plantação, mas acabou. Estamos sentindo falta da água. Mas isso é assim mesmo, seco, sem vida”, conta José.

Conformado, ele olha em volta da casa e das terras onde vive. “Tem mata aí pra dentro, tem até bicho. Mas a seca tá chegando lá também, alastrando pela secura daqui de baixo”, afirma, boca seca como o solo à sua frente. O silêncio dos dias de José é cortado pelo mugido dos magros bois do curral, pelo ganidos das aves no céu ou do zumbido dos insetos. O ar pesado dá moleza, José estica as pernas.

Angústia – A sobrinha Fidelina Fratani, 45 anos, ouve o tio com respeito. Sente angústia pelo futuro quando vê passar o cachorro da casa. Magricela como a cadela Baleia descrita no romance de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*. “O que temos é is-



João Sebastião (esquerda) testemunhou a devastação e a perda das matas

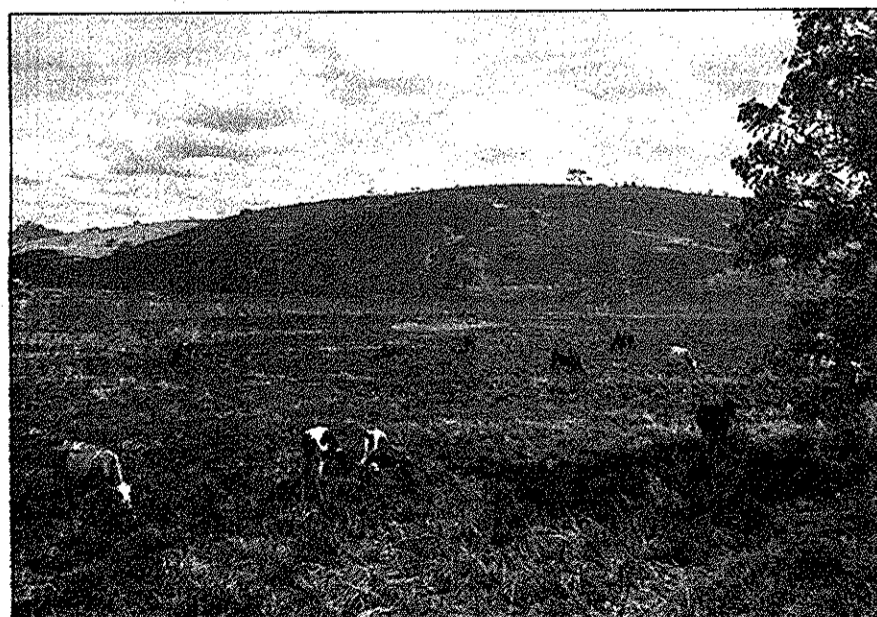
“Até pouco tempo passava um córrego aqui. Meu pai tinha um moinho. Tinha plantação, mas acabou.”

José Sebastião Fratani

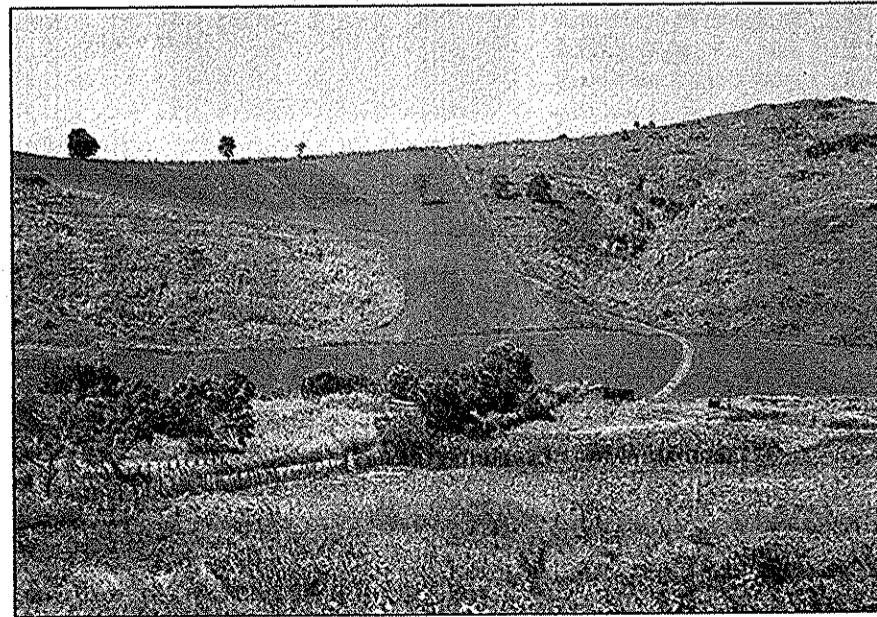
so, sem melhora nem sei que fim vamos ter”, suspira. Vivem do leite das vacas, do pequeno roçado e do trabalho nas fazendas. Fidelina segura a filha no colo, Edvânia, 6 anos, que quase não fala. “É tímida, a menina”, explica.

Para José, não há outra solução. É preciso trazer a mata de volta. O historiador ambiental da UFF Aristides Arthur Soffiati concorda. Segundo ele, o ideal é reconstituir a floresta nativa e, como medida emergencial, combater a erosão do solo com reflorestamento ao longo dos rios e nascentes, e também nas encostas dos morros.

Sem plantação – O pasto que substituiu as plantações em mais de 80% do território das cidades do Noroeste – e em casos como o de São Fidélis – é motivo de preocupação para os ambientalistas e para o agricultor Antônio José Gomes Borges, 43 anos. “Ande por aí e não tem plantação de nada, nem matas. Virou lenha, virou pastagem pra boi, virou o nada. Fica vazio, abandonado e secando a terra”, afirma, com um desespero contido, Antônio, pai de quatro filhos que foi morar na cidade depois que seu pai adoeceu.



Secas, as áreas de pasto queimam com facilidade. Há três meses não chove



As culturas do café e da cana-de-açúcar sacrificaram o solo da região

Heranças da cana-de-açúcar e do café

O problema do solo começou nas matas devastadas no século passado e no início deste, para a plantação de cana-de-açúcar e café. Com a decadência econômica, o solo empobrecido foi abandonado. Como as cidades do Noroeste Fluminense ficam em vales muito deprimidos e compartimentados, se tornou mais difícil a recomposição natural.

De acordo com os estudos realizados para elaborar o Índice de Qualidade dos Municípios (IQM), com a retirada da mata e a introdução dos pastos, permitiu-se que uma combinação inflamável se instalasse na região. Os pastos podem ficar secos com trinta a

sessenta dias sem chuvas. A palha formada entra em combustão com facilidade, em um ambiente onde a média das temperaturas máximas anuais beira os 30°C. Proliferam as queimadas e cresce o deserto.

Riachos mortos – No passado, os vales do Rio Paraíba do Sul e seus afluentes abrigavam, no Noroeste Fluminense, florestas e savanas. O Paraíba, atualmente, expõe a seca da região. Quase não há vegetação em seu entorno e os moradores atravessam o rio a pé. Bancos de areia e rochas surgem do fundo do Paraíba do Sul. Os riachos que desciam os morros em direção ao rio estão ressequidos.

O Paraíba do Sul forma a maior bacia hidrográfica do estado e torna possível, atualmente, segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Organização das Nações Unidas (ONU), a vida de quase 12 milhões de pessoas, abastece 700 indústrias e diversas usinas hidrelétricas. A ONU alerta que a poluição, no Médio Paraíba, e a seca, no Noroeste, podem afetar drasticamente a performance do rio.

Corredores – O projeto de corredores verdes para resgatar o que ainda resta de vegetação no estado, proposto pelo Cide, começou a ser implantado experimentalmente, ano passado, em algumas regiões do Norte Fluminense.

O Programa do Corredor de Biodiversidade é comandado pela organização não-governamental Instituto Pró-Natura em convênio com universidades e patrocínio de empresas privadas, como White Martins Gases Industriais, Summit Foundation e Fundação Ford.

O primeiro teste acontece na Reserva Biológica de Poço das Antas, em Silva Jardim. A vegetação nativa é a típica de campos abertos, com poucas árvores isoladas. A regeneração, entretanto, tem sido dificultada pelos incêndios e pela presença do capim dos pastos, bastante agressiva e de rápido crescimento.